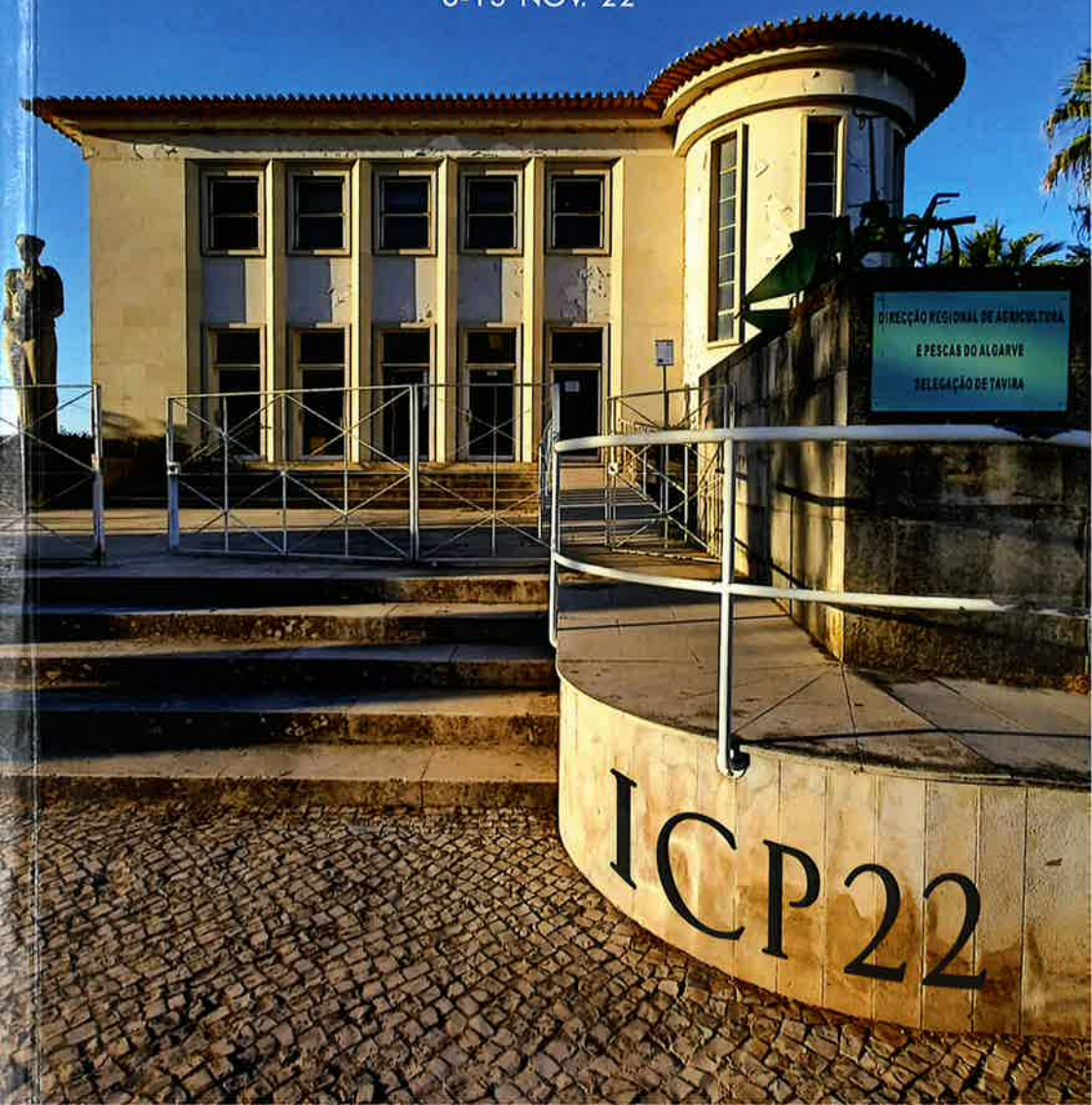


**16° COLÓQUIO INTERDISCIPLINAR SOBRE PROVÉRBIOS**  
**16<sup>TH</sup> INTERDISCIPLINARY COLLOQUIUM ON PROVERBS**

**3° COLÓQUIO INTERDISCIPLINAR SOBRE PROVÉRBIOS-ONLINE**  
**3<sup>RD</sup> INTERDISCIPLINARY COLLOQUIUM ON PROVERBS-ONLINE**

**TAVIRA**

6-13 NOV. 22



# 16º Colóquio Interdisciplinar sobre Provérbios (ICP22)

## 3º Colóquio Interdisciplinar sobre Provérbios-Online (3º ICP-O)

### Actas ICP22 / 3<sup>rd</sup> ICP-O Proceedings

# 16<sup>th</sup> Interdisciplinary Coloquium on Proverbs (ICP22)

## 3<sup>rd</sup> Interdisciplinary Coloquium on Proverbs-Online (3º ICP-O)



**Ficha Técnica / Technical Info**

<b>Editor / Publisher:</b>	Associação Internacional de Paremiologia / International Association of Paremiology ( <b>AIP-IAP</b> )
<b>Título / Title:</b>	16º Colóquio Interdisciplinar sobre Provérbios / 16 <sup>th</sup> Interdisciplinary Colloquium on Proverbs (ICP22) 3º Colóquio Interdisciplinar sobre Provérbios-Online / 3 <sup>rd</sup> Interdisciplinary Colloquium on Proverb-Online (3 <sup>rd</sup> ICP-O) Actas ICP22 Proceedings
<b>Organizadores / Organizers:</b>	Rui JB Soares; Outi Lauhakangas
<b>Capa / Cover:</b>	Rui JB Soares
<b>Fotografias / Photos:</b>	Cortesia dos autores / Courtesy of authors
<b>Logo do Colóquio / Colloquium Logo Design</b>	Rui JB Soares
<b>Logos:</b>	Cortesia dos patrocinadores / Courtesy of sponsors
<b>Mapas e Bandeiras / Maps and Flags</b>	From Internet
<b>Planta / Plant:</b>	Cortesia do Hotel Vila Galé / Courtesy of Hotel Vila Galé (Tavira)
<b>Paginação / Layout:</b>	Rui JB Soares
<b>Endereços da AIP-IAP / AIP-IAP addresses:</b>	Associação Internacional de Paremiologia / International Association of Paremiology ( <b>AIP-IAP</b> ) R: Galeria, nº 9 – A 8800-329 Tavira / PORTUGAL Página Web: <a href="http://www.aip-iap.org">http://www.aip-iap.org</a> Email: <a href="mailto:aiapiap.tavira@gmail.com">aiapiap.tavira@gmail.com</a>
<b>Execução técnica / Printing &amp; Finishing:</b>	Tipografia Tavirense, Lda R: Maria Campina, Bl. B, Lt. 4, C/v Dtº 8800-418 Tavira / PORTUGAL Email: <a href="mailto:geral@tipografiatavirense.com">geral@tipografiatavirense.com</a> Tel: +351 281 322 622
<b>Depósito legal / Registration:</b>	523616/23
<b>ISBN:</b>	978-989-53395-3-2
<b>Data / Date:</b>	Outubro 2023
<b>Tiragem / Copies:</b>	35
<b>Copyright © 2021</b>	AIP-IAP

Reservado o direito de reprodução / No reproduction without permission

## LINGUAGEM POPULAR E PROVÉRBIOS RECOLHIDOS NA MADEIRA POR ALFREDO VIEIRA DE FREITAS (1908-1993)

Naidea NUNES, Universidade da Madeira; Faculdade de Letras, Centro de Linguística,  
Universidade de Lisboa *Portugal*<sup>1</sup>

### Resumo

O interesse linguístico e sociocultural do espólio de Alfredo Vieira de Freitas (AVF) resulta do facto de se ter dedicado a recolhas populares. Motivava os seus alunos a recolherem romances tradicionais, contos e lendas, histórias e quadras populares, adivinhas e formas de linguagem, enquanto “expressões do povo” ou “frases populares”, que correspondem a provérbios (materiais inéditos). Esta diversidade de documentação manuscrita que consta do acervo foi integrada no Arquivo e Biblioteca Pública da Madeira (ABM), tendo já sido inventariada e catalogada. Pretende-se contribuir para a divulgação e estudo desses materiais populares, orais e tradicionais, no que respeita aos provérbios. Parte-se das questões teórico-conceituais sobre a definição e a classificação dos provérbios para a análise dos 206 enunciados da coleção do autor. Estes são predominantemente datados de 1946 e os que têm localização foram recolhidos na freguesia de S. Roque do Funchal. No que se refere à metodologia de trabalho, começou-se por analisar os aspetos formais dos enunciados, separando os provérbios com paralelismo e rima dos que não apresentam rima, com repetições e/ou oposições de palavras. Trata-se de frases proverbiais prototípicas (com estrutura rítmica e/ou binária e rima ou repetições e oposições lexicais e semânticas) que se distinguem dos enunciados que não têm estas características, apresentando apenas paralelismo ou justaposição. A nível semântico, destacam-se os provérbios metafóricos de animais e os baseados no conhecimento da atividade agrícola tradicional. Procura-se valorizar e preservar estes provérbios enquanto património linguístico-etnográfico e sociocultural madeirense, conservado através da linguagem popular, transmitida oralmente de geração em geração.

**Palavras-chave:** Alfredo Vieira de Freitas, Linguagem popular, Paremiologia, Sociedade e cultura madeirense, Património linguístico-etnográfico.

O padre Alfredo Vieira de Freitas (AVF) nasceu em 1908 e faleceu em 1993, na freguesia de Gaula, concelho de Santa Cruz, na ilha da Madeira. Foi professor de Literatura Portuguesa no Seminário do Funchal, onde lecionou durante quase cinquenta anos. Ao ter uma atividade religiosa e docente intensa, interessou-se pela tradição sociocultural da Madeira. O seu interesse pelo folclore madeirense e respetivo trabalho de recolha permitiu a publicação, ao longo da sua vida, de livros de contos e lendas, assim como de quadras populares. O seu acervo foi doado ao Arquivo e Biblioteca da Madeira em outubro de 2016. Além de contos, lendas, romances, quadras populares, adivinhas e formas da linguagem popular, foram identificados provérbios num conjunto de 206 “expressões do povo”, “frases populares” ou “frases do (nosso) povo”, que nunca publicou<sup>2</sup>.

Este estudo centra-se na sistematização, classificação e análise dos materiais paremiológicos dessa coleção de expressões populares. O primeiro desafio é confirmar se todos os enunciados enquadrados dentro dessa categoria são provérbios. Assim, os objetivos deste trabalho são: confirmar se as 206 frases populares que constam do acervo de AVF são provérbios; sistematizar os materiais paremiológicos, juntando variantes que se referem ao mesmo provérbio e separando os que se distinguem; observar quais os provérbios mais recorrentes, por aparecerem mais do que uma vez nas recolhas; ter em conta aspetos formais de estrutura rítmica, separando os provérbios com paralelismos e rimas dos que não têm rimas, com repetições de palavras e/ou oposições, e dos que apenas apresentam paralelismo ou justaposição; do ponto de vista semântico, destacar os provérbios metafóricos de animais e os da área da agricultura tradicional; isolar os enunciados que não serão provérbios.

Começa-se por fazer o enquadramento teórico-conceptual sobre a paremiologia e o estudo dos provérbios. Seguem-se o inventário e a classificação formal dos provérbios, tendo em conta a sua estrutura rítmica e os respetivos marcadores estilísticos. Depois, do ponto de vista semântico, destacam-se os provérbios metafóricos de animais e da área da agricultura. Posteriormente, apresentam-se alguns enunciados que não serão provérbios, podendo ser máximas ou ditados populares com estruturas formais mais livres e diversificadas. Termina-se com a discussão dos resultados do trabalho, as considerações finais, notas e referências.

### **Enquadramento teórico-conceptual**

Uma das dificuldades da paremiologia é definir o que é um provérbio, sendo unidades linguísticas que fazem parte da língua falada ou escrita e um instrumento cultural que reflete realidades socio-históricas do seu uso e transmissão. As questões de definição e de classificação dos enunciados proverbiais têm sido abordadas por muitos estudiosos. Segundo Sevilla <sup>3</sup>, as parémias caracterizam-se por ser unidades fechadas, breves e com uma mensagem sentenciosa, citadas no discurso oral e escrito, sendo “joyas linguísticas”. O termo parémia é um arquitelexema ou hiperónimo das unidades linguísticas que são enunciados paremiológicos: provérbio, refrão, dito popular, frase feita, máxima, sentença, aforismo, frase proverbial, adágio, diálogo, etc. Em Sevilla e Crida Álvarez <sup>4</sup>, uma parémia é uma unidade fraseológica constituída por um enunciado breve e sentencioso, que faz parte da fala e acervo sociocultural de uma comunidade. Assim, as parémias, objeto de estudo da paremiologia, fazem parte da fraseologia de uma língua e os provérbios (protótipo da categoria das parémias), por terem a forma de uma frase, têm independência contextual maior do que por exemplo as expressões idiomáticas. Uma das principais características dos provérbios é a transmissão de uma lição, ensinamento ou

conselho, de forma independente, impessoal e atemporal, sem envolvimento direto do enunciador, devido à possibilidade de atualização e adaptação do seu sentido.

A base para a construção do sentido dos provérbios é o conhecimento partilhado entre os interlocutores. Pois, a plasticidade dos provérbios provém, principalmente, do reconhecimento implícito de que são transmissores de conhecimento humano universal, oriundo da experiência de antepassados. Então, enquanto saber e experiência empírica coletiva, passados de geração em geração, são enunciados que podem ter origem histórico-linguística universal, nacional ou regional. Como resultam da herança paremiológica de uma cultura, tendo uma dimensão social importante, são conhecidos por toda a comunidade linguística. Neste sentido, a paremiologia está relacionada com a etnolinguística e o significado paremiológico é inseparável da dimensão sociocultural, mas também da experiência pessoal.

Kleiber <sup>5</sup> explica que os provérbios são frases com sentido genérico que se restringe aos seres humanos, sendo a tradição que determina os seus significados. Acrescenta que podem ser interpretados mesmo sem contexto, numa perspetiva humana. Logo, assumem um significado genérico sendo usados em situações específicas, que correspondem a diferentes contextos, podendo ter um sentido metafórico. Kleiber <sup>6</sup> mostra que, embora o processo metafórico seja uma característica recorrente não é definitiva do que é um provérbio, visto que também existem provérbios com significado literal. Refere que as máximas e aforismos apresentam estruturas formais mais livres e diversificadas do que os provérbios. Para o autor, o valor semântico dos provérbios, a *proverbialidade*, caracteriza-se por ser uma frase genérica sobre o humano, enquanto os ditados são sobre fenómenos naturais. Outra qualidade cognitiva dos provérbios é o seu nível de abstração mais elevado do que um velho ditado popular. Esta será a característica comum aos provérbios metafóricos e não metafóricos, traço semântico que distingue os provérbios dos ditados populares, ou seja, o grau de conceptualização (cognição e abstração) que se opõe ao nível mais básico de outras expressões populares.

Villers <sup>7</sup> diz que o carácter genérico e pré-construído do provérbio tradicional se traduz no facto de ser relativamente fixo ou estável formalmente. O autor centra-se nos marcadores estilísticos (também chamados traços rítmicos), incluindo todos os fenómenos formais e sonoros que dão ao enunciado características distintivas. Trata-se da repetição de um elemento lexical ou de um som (rimas, aliteração, assonância), o paralelismo da estrutura e as oposições de pares lexicais. Afirma que, apesar dos paralelismos e recursos estilísticos serem naturais na língua em geral, os marcadores estilísticos são reconhecidos como um traço frequente dos provérbios, associado à sua brevidade e expressividade, para serem facilmente transmitidos e memoráveis. Refere Greimas <sup>8</sup> como pioneiro da tese rítmica ou estrutura rítmica binária dos provérbios e dos

ditados que inclui rimas, oposições e repetições, enquanto traço formal distintivo. Seguidamente, explica que Anscombe <sup>9</sup> rejeita o binarismo, dizendo que a fixação formal dos provérbios é uma ilusão criada pelo ritmo. Considera que as configurações rítmicas são estruturas restritas de alguns provérbios, que também fazem parte da língua em geral. Logo, não são critérios obrigatórios na definição dos provérbios. Villers <sup>10</sup> salienta que as rimas e o binarismo correspondem à forma prototípica dos provérbios e que nem todos seguem o protótipo proverbial.

Villers <sup>11</sup> refere a percepção da *proverbialidade*, através de marcadores como a metáfora, a rima ou o paralelismo. A *prototipicidade*, como critério usado na definição dos provérbios, embora limitada à sua forma e estrutura, indica que o critério sabedoria (ou concisão), abstrato e relativo, por si mesmo, não pode definir os provérbios. Quer dizer que alguns provérbios podem ser classificados como máximas, aforismos ou adágios, por não terem uma estrutura ou forma rítmica. Salienta ainda que, na seleção dos critérios definidores da categoria provérbio, é preciso ter em conta o facto de estes estarem profundamente enraizados na tradição oral como forma de expressão comunitária. Como diz Villers <sup>12</sup>, os próprios dicionários definem provérbio como “sentença” ou “máxima”, o que significa que podem corresponder a vários tipos de enunciados, com diferentes características. O autor relata experiências de testes efetuados que mostram que os provérbios são mais facilmente reconhecidos quando contêm marcadores estilísticos, sendo estes um traço frequente. Pois, trata-se de recursos linguísticos associados à noção de *proverbialidade* na consciência coletiva, favorecendo a identificação de enunciados como provérbios. Porém, menciona que estes processos também são comuns a outros tipos de frases sentenciosas. Sublinha que, para Mieder <sup>13</sup>, os marcadores estilísticos ajudam um enunciado a adquirir e a manter o estatuto proverbial. Segundo Villers <sup>14</sup>, os enunciados com estas características, frequentes nas frases proverbiais, têm mais hipóteses de se tornarem e serem provérbios, o que chama *viabilidade proverbial*. O autor refere o processo de *lexificação*, necessário para a transformação de um enunciado num provérbio, sendo que os recursos estilísticos facilitam a *viabilidade proverbial* dos candidatos a provérbios ou *proverbialização*. Nem sempre é fácil definir a qualidade de *proverbialidade* que distingue estes enunciados de outras expressões populares (sentenças, máximas e ditados). Mieder <sup>15</sup> lista dez características gerais que permitem identificar a maior parte das expressões proverbiais. Diz que nem todos os traços se aplicam a todos os provérbios e os que cumprem os dez pontos são *prototípicos*. Explica que o provérbio pode ter um significado figurado, quando tem uma natureza metafórica, sendo intemporal e memorável graças à rima e ao ritmo, bem como às aliterações, que têm um papel mnemónico, facilitando a sua transmissão entre gerações. Widback <sup>16</sup> reduz os critérios

de uma expressão popular ser considerada provérbio para cinco traços essenciais. Esclarece que os provérbios contêm linguagem de tempos antigos, tendo funções pragmáticas e sociais, podendo ser metáforas ou metonímias. Indica que os provérbios funcionam como uma citação, bastando dizer a primeira parte para se subentender a segunda (por ser um conhecimento generalizado na comunidade).

Mieder <sup>17</sup>, face à dificuldade de definir a noção de provérbio, sobre o uso de marcadores de *proverbialidade* (que ajudam a identificar frases proverbiais) juntamente com o critério da tradição, diz que muitos enunciados apresentam características semelhantes a nível estrutural e não são provérbios por não serem tradicionais. Ou seja, na sua estrutura, os provérbios podem ser opositivos ou não opositivos, mostrando como a abordagem estrutural na definição de provérbio não resolve o problema, sendo que a tradição é determinante. Porém, como explica, os provérbios de uma língua podem corresponder a determinados padrões ou estruturas como “better x than y”, “like x, like y”, “no x without y”, “one x doesn’t make a y”, “if x, then y”, como “better poor with honor than rich with shame”, “like father, like son”, etc. Estas são estruturas comuns que servem de base aos provérbios. Outro paradigma para identificar provérbios tradicionais são serem curtos, embora nem todos sejam concisos. Quanto às metáforas, diz que permitem que os enunciados sejam usados de forma figurativa ou indireta, transmitindo sabedoria comumente aceite. Segundo o autor, trata-se de estratégias para lidar com uma situação particular, dando conselhos indiretos, uma vez que as situações sociais da vida humana são idênticas e recorrentes.

### **Metodologia de trabalho**

Começou-se por analisar a coleção de 206 expressões populares de AVF, algumas sem data e local (s.d. e s.l.), outras datadas e não localizadas (7-10-1946, s.l.) e outras sem data mas com indicação do local de recolha (s.d., S. Roque do Funchal). Os enunciados foram organizados em tabelas com o objetivo de sistematizá-los, apresentando três colunas: a primeira com os diferentes elementos proverbiais, indicando entre parênteses e a negrito o contexto de uso (quando registado) e o número de ocorrências destes (incluindo as respetivas variantes que ocorrem na coleção de AVF); a segunda com as variantes presentes no *corpus* (associadas pela investigadora) e, em itálico e entre parênteses, variantes contemporâneas com o mesmo valor semântico que não constam nas recolhas (adicionadas pela investigadora); na terceira, são fornecidas as informações da data e local da recolha (quando se trata das mesmas aparecem apenas uma vez). Quanto às formas de notação usadas no registo dos provérbios, usa-se o destaque a sublinhado das palavras que rimam num mesmo enunciado; destacam-se a negrito

as repetições e oposições lexicais; a negrito e sublinhado surgem as aliteraões e assonâncias. Tanto na primeira como na segunda coluna, assinalam-se a itálico os elementos gramaticais com falta de concordância gramatical nas frases, indicando entre parênteses retos as formas corretas, por exemplo: “Em questões de go/astos, cada qual tem o seu [os seus]”, “Na forja é que se experimenta [experimentam] os metais” e “Gato e menino só vem [vêm] para quem lhes faz mimo”. Em “Presunção e água benta, tornam-nas [sic] quem quere [sic]”, o itálico é usado nas formas verbais *tornam-nas* por *tomam-nas* e *quere* por *quer*. Também surge na forma obscura *encumolhar*, em “Quem não sabe *encumolhar* [sic] deita as culpas ao baco”. Registaram-se ainda com a indicação [sic] formas gráficas antigas, como em “Dez horas dorme o **pôrco** e mais o **môrto** [sic]”.

Procurou-se verificar se todos os enunciados eram provérbios, tendo em conta os critérios formais e semânticos de *proverbialidade*. Foram considerados provérbios prototípicos com características estilísticas como o ritmo binário ou paralelismo com e sem rima, com oposições de palavras e/ou repetições, a par de outros sem esses traços formais. Do ponto de vista sintático e semântico, as unidades fraseológicas autónomas, que expressam conhecimento geral sobre a vida humana, presentes na consciência coletiva e sendo anónimas, foram consideradas provérbios. Neste sentido, as expressões proverbiais não foram definidas apenas pela sua estrutura frásica, como o ritmo, ou pelo valor poético ou metafórico dos enunciados, mas também pela visão sociocultural humana, baseada nos contextos tradicionais das comunidades. Este estudo foi dividido em duas partes – aspetos formais e aspetos semânticos. No que respeita aos aspetos formais, criaram-se 3 tabelas tendo em conta a composição estrutural dos enunciados: os que têm paralelismo com rima, os que têm paralelismo com repetições e/ou oposições lexicais e os que apenas têm paralelismo ou justaposição. Assim, na classificação dos enunciados, procurou-se identificar, separar e quantificar os provérbios prototípicos com estrutura rítmica, rimas, repetições e/ou oposições, dos que não apresentam essas características, podendo ser metafóricos ou não.

Trata-se de um estudo qualitativo quanto aos aspetos formais e semânticos dos provérbios, destacando os que apresentam paralelismo ou estrutura binária com recursos estilísticos (rimas, repetições e/ou oposições de palavras), os enunciados metafóricos de animais e os da área da agricultura. Relativamente ao estudo quantitativo, contabilizam-se os provérbios com diferentes estruturas formais do ponto de vista dos recursos estilísticos, os provérbios metafóricos de animais e os de inspiração agrícola, assim como os que são recorrentes na coleção de AVF e os que não serão provérbios, podendo ser ditados, sentenças ou máximas.

## Análise dos dados

No sistematização dos 206 provérbios e/ou expressões populares não contextualizados, recolhidos por AVF, optou-se por destacar alguns aspetos formais (ritmo, rima, aliteraões e oposições e/ou repetições de palavras) e alguns aspetos semânticos (campos semânticos como o da agricultura). Destacam-se também os provérbios metafóricos de animais que representam o ser humano e os provérbios recorrentes, de acordo com o número de variantes documentadas no *corpus*.

## Aspetos formais

No que diz respeito aos aspetos formais ou estruturais dos provérbios, apresentam-se os que podem ser considerados prototípicos com estrutura rítmica, separando-os em: provérbios com paralelismo e rima (Tabela 1), provérbios com paralelismo e repetições de palavras e/ou oposições (Tabela 2), provérbios com paralelismo ou justaposição, sem rima, repetições e/ou oposições (Tabela 3). Começa-se por listar os enunciados com rimas (Tabela 1).

Provérbios	Variantes	Recolha
Se queres conhecer o <u>vilão</u> , mete-lhe a vara na <u>mão</u> . (4x)	Quem dá o dedo ao <u>vilão</u> , fica sem <u>mão</u> . Quem dá a <u>mão</u> ao <u>vilão</u> , este dá-lhe o <u>pé</u> . Fazer bem a vilões o mesmo é que deitar água no mar. (Não vale a pena lavar a cabeça a burros).	7-10-1946, s.l.
Casa onde não há <u>pão</u> , todos ralham e com <u>razão</u> . (3x)	(Casa onde não há <u>pão</u> , todos ralham sem <u>razão</u> ).	S.d., São Roque do Funchal / 7-10-1946, s.l.
Quem deseja mal ao seu <u>vizinho</u> , o seu vem-lhe pelo <u>caminho</u> . (3x)	Ninguém diga mal do seu <u>visinho</u> [sic], sem olhar para o seu <u>focinho</u> . / Quem vê as barbas do visinho [sic] a arder, deita as suas de mólho [sic].	7-10-1946, s.l. / S.d., S. Roque do Funchal / 7-10-1946, s.l.
O que atrasado <u>vier</u> , comerá do que <u>houver</u> . (2x)	Quem atrasado [sic] <u>vier</u> , comerá do que <u>houver</u> .	S.d., São Roque do Funchal / 7-10-1946, s.l.
De poeta e <u>louco</u> , todos têm um <u>pouco</u> . (2x)		S.d., São Roque do Funchal / 7-10-1946, s.l.
Limociro na <u>horta</u> é doutor à <u>porta</u> . (2x)		S.d., São Roque do Funchal / 7-10-1946, s.l.
Pecado <u>confessado</u> está meio <u>perdoado</u> .		S.d., s.l.
Deus tem as suas <u>horas</u> e <u>demoras</u> .		S.d., São Roque do Funchal
O homem <u>põe</u> e Deus <u>dispõe</u> .		S.d., São Roque do Funchal
Pede o <u>guloso</u> pelo <u>desejoso</u> .		S.d., s.l.
Melhor é <u>trabalhar</u> que <u>penar</u> .		S.d., s.l.
Faze [sic] da noite <u>dia</u> e viverás com <u>alegria</u> .		7-10-1946, s.l.
Deitar <u>cêdo</u> e <u>cêdo</u> [sic] <u>erguer</u> , dá saúde e faz <u>crescer</u> .		7-10-1946, s.l.
As horas são <u>seguidas</u> , mas não são <u>parecidas</u> .		7-10-1946, s.l.

Mocidade <u>ociosa</u> , velhice <u>trabalhosa</u> .		7-10-1946, s.l.
Com a <u>perseverança</u> , tudo se <u>alcança</u> .		7-10-1946, s.l.
Cria boa <u>fama</u> e deita-te na <u>cama</u> .	Quem boa <u>cama</u> faz, em boa <u>cama</u> se deita.	7-10-1946, s.l.
É manha de <u>Portugal</u> comer e dizer <u>mal</u> .		7-10-1946, s.l.
Um real <u>poupado</u> , é um real <u>ganhado</u> .		7-10-1946, s.l.
Muito <u>riso</u> , pouco <u>siso</u> .		7-10-1946, s.l.
Quem <u>espera</u> <u>desespera</u> .		7-10-1946, s.l.
Quem <u>canta</u> seus males <u>espanta</u> .		7-10-1946, s.l.
Gaivotas pela <u>serra</u> , chuva em <u>terra</u> .		7-10-1946, s.l.
Mas vale pão <u>duro</u> do que figo <u>maduro</u> .		7-10-1946, s.l.
Quem foi ao <u>mar</u> perdeu o seu <u>lugar</u> .	<b>Quem</b> está, está, <b>quem</b> vai, segue...	7-10-1946, s.l.
Rei <u>morto</u> , rei no <u>pôsto</u> [sic].		7-10-1946, s.l.
Quem não <u>arrisca</u> não <u>petisca</u> .		7-10-1946, s.l.
Da grande <u>proteção</u> , vem a <u>ingratidão</u> .		7-10-1946, s.l.
Quem constrói a casa na <u>praça</u> , não sabe se é alta ou <u>baixa</u> .		7-10-1946, s.l.
Palavras <u>loucas</u> , orelhas <u>moucas</u> .		7-10-1946, s.l.
Antes que o mal <u>cresça</u> , corta-se-lhe a <u>cabeça</u> .		7-10-1946, s.l.
O que é <u>emprestado</u> ou nunca mais volta ou volta <u>estragado</u> .		7-10-1946, s.l.
Não há bem que sempre <u>dure</u> , nem mal que sempre <u>ature</u> .		7-10-1946, s.l.
Roma e <u>Pavia</u> não se fizeram num <u>dia</u> .		7-10-1946, s.l.
Mão de <u>carneiro</u> só em <u>janeiro</u> .	Mão de pôrco [sic], só na festa.	7-10-1946, s.l.
De poeta e <u>louco</u> , todos têm um <u>pouco</u> .		7-10-1946, s.l.
Quem <u>mente</u> , não vem de boa <u>gente</u> .		7-10-1946, s.l.
Nunca <u>medrou</u> , quem à porta do invejoso <u>morou</u> .		7-10-1946, s.l.
Morra <u>Marta</u> , mas morra <u>farta</u> .		7-10-1946, s.l.
Antes que te <u>cases</u> , vê o que <u>fazes</u> .		7-10-1946, s.l.
Mais vale um defeito bem <u>empregado</u> , do que uma boa qualidade mal <u>aproveitado</u> [ <u>aproveitada</u> ].		7-10-1946, s.l.
Cerimónias <u>acabadas</u> , velas <u>apagadas</u> ( <u>diz-se, quando, na despedida de uma pessoa, se lhe oferece vinho</u> ).		7-10-1946, s.l.
Não há <u>conto</u> , sem <u>ponto</u> .		7-10-1946, s.l.
Com papas e <u>bolos</u> , se enganam os <u>tolos</u> .		7-10-1946, s.l.
Mais ganha <u>quem</u> Deus <u>ajuda</u> , do que <u>quem</u> muito <u>madruga</u> .		7-10-1946, s.l.
Mais vale o <u>saber</u> do que <u>haver</u> .		7-10-1946, s.l.
Em tempo de <u>guerra</u> , mentiras por mar e por terra.		7-10-1946, s.l.
A <u>amizade</u> provém da <u>igualdade</u> .		7-10-1946, s.l.

O mal e o <u>bem</u> à face <u>vem</u> [vêm].		7-10-1946, s.l.
Em <u>Agosto</u> [sic], toda a fruta tem <u>gosto</u> .		7-10-1946, s.l.
A <u>ocasião</u> faz o <u>ladrão</u> .		7-10-1946, s.l.
Quem mata um gato <u>ladrão</u> , alcança sete anos de <u>perdão</u> .	Quem rouba a <u>ladrão</u> , tem sete anos de <u>perdão</u> .	7-10-1946, s.l.
Antes que te <u>ordenes</u> , vê se <u>temes</u> .		7-10-1946, s.l.
A água mole tanto dá na pedra <u>dura</u> que por fim até <u>fura</u> .		7-10-1946, s.l.
Filho és, pai <u>serás</u> , assim como fizeres, assim <u>acharás</u> .		7-10-1946, s.l.
É mal da <u>traça</u> o que dá e <u>passa</u> .		7-10-1946, s.l.
O leste de S. <u>Brás</u> , não vindo adiante, vem <u>atrás</u> .		7-10-1946, s.l.
<u>Cada cabeça</u> [sic], <u>cada sentença</u> .		7-10-1946, s.l.
Não te invadeças [sic] do que <u>sabes</u> , mas repara no que <u>fazes</u> .		S.d., São Roque do Funchal
Não se apanham <u>trutas</u> de bragas <u>enrestas</u> .		7-10-1946, s.l.
De <u>pequenino</u> é que se torce o <u>pepino</u> .	De <u>pequenino</u> é que se torce o <u>vime</u> . Em pequeno é que põe a canga ao boizinho [sic].	7-10-1946, s.l.
Descansa o <u>gato</u> , espreguiça o <u>rato</u> .		7-10-1946, s.l.
Cão de <u>caça</u> , procura-se-lhe a <u>raça</u> .		7-10-1946, s.l.
Só dói o <u>coração</u> , ao dono do <u>furão</u> .		7-10-1946, s.l.
O rato tantas vezes vai ao <u>moinho</u> , até que lá lhe fica o <u>focinho!</u>	(O vaso tantas vezes vai à fonte até que lá deixa a asa).	7-10-1946, s.l.
Quem faz um <u>cesto</u> , faz um <u>cento</u> .		7-10-1946, s.l.
<u>Fidalgos</u> e <u>galgos</u> , é coçá-los e deiréá-los. [sic]		7-10-1946, s.l.
Dez horas dorme o <u>pôrco</u> e mais o <u>môrto</u> [sic]		7-10-1946, s.l.
Gato e <u>menino</u> só vêm para quem lhes faz <u>mimo</u> .		7-10-1946, s.l.

Tabela 1: Provérbios com paralelismo e rima.

Na tabela 1, registam-se 69 provérbios com rima, incluindo uma aliteração (repetição de sons, sílabas ou consoantes) em *porco/morto* e uma assonância (repetição da vogal -i-) em *menino* e *mimo*, figuras de linguagem com repetição de sons ou harmonização vocálica. Estas expressões proverbiais apresentam ritmo e rima, sendo curtas e expressivas, facilmente memorizadas e reconhecidas na sua transmissão comunitária.

Destacam-se os enunciados proverbiais que apresentam variação: “Mão de carneiro só em janeiro” poderá ser uma variante de “Mão de pôrco [sic], só na festa”, ou uma oposição (comer carne de porco na festa/Natal madeirense e carneiro em janeiro, no início do novo ano). Quanto a “Quem dá o dedo ao vilão, fica sem mão”, “Quem dá a mão ao vilão, este dá-lhe o pé” e “Fazer bem a vilões o mesmo é que deitar água no mar” serão variantes similares a “Se queres

conhecer o vilão, mete-lhe a vara na mão". No *corpus* encontra-se ainda a variante funcional (com a mesma função) que se refere a "Fazer bem a vilões, o mesmo é que deitar água no mar", correspondendo a "Não vale a pena lavar a cabeça a burros" (adição da investigadora). Considerou-se "Ninguém diga mal do seu visinho [sic] sem olhar para o seu focinho" e "Quem vê as barbas do visinho [sic] a arder deita as suas de mólho [sic]" variantes de "Quem deseja mal ao seu vizinho, o seu vem-lhe pelo caminho". Para "Com a perseverança, tudo se alcança", há uma versão popular com humor "Quem espera sempre alcança, nem que seja uns pontapés na pança" (documentada pela investigadora). "Um real poupado é um real ganhado" corresponderá à variante "Quem tem não é quem ganha, mas quem poupa". "Gaivotas pela serra, chuva em terra" terá a variante "Gaivotas em terra, chuva no mar" (sem rima). "Quem não arrisca não petisca" será equivalente a "A sorte protege os audazes". "Antes que o mal cresça, corta-se-lhe a cabeça" significará o mesmo que "Cortar o mal pela raiz". "Quem mente não vem de boa gente" corresponderá a "Quem não se sente, não é filho de boa gente". "Não há conto, sem ponto" terá como variante "Quem conta um conto acrescenta um ponto". "Mais vale o saber do que haver" terá a variante "Mais vale o saber do que o ter". "A água mole tanto dá na pedra dura que por fim até fura" será variante de "Água mole em pedra dura tanto dá até que fura". Para "Cada cabeça [sic], cada sentença", existe a variante "Cada cabeça sua sentença", sem a repetição da palavra *cada*.

Embora as variantes documentadas não sejam numericamente representativas, mostram a existência de reformulações ou alterações dos enunciados na sua transmissão. Revelam vivacidade e continuidade dos provérbios na comunidade, podendo perder a rima que é substituída por uma oposição lexical, como a que ocorre entre "Quem dá o dedo ao vilão, fica sem mão" e "Quem dá a mão ao vilão, este dá-lhe o pé". Em "**Não se apanham trutas de bragas enrestas**", a última forma será de *enristar* ('em posição erguida') e *bragas* 'calças largas e curtas'. É importante referir que, antigamente, existiam muitas trutas nas ribeiras e nas levadas principais das montanhas da ilha da Madeira. Teixeira<sup>18</sup>, ao expor a dimensão semântico-pragmática dos provérbios que *per se* constituem um enunciado completo, explicita que nem sempre é possível interpretá-los tendo em conta o significado das palavras que os compõem. Dá o exemplo do atual provérbio "Não se apanham/pescam/ganham **trutas** com as **barbas enxutas**", com alguma incoerência porque não é preciso molhar as barbas para apanhar trutas. Mostra como a forma original era *bragas*, arcaísmo substituído por *barbas*, adulteração por razões de similaridade sonora. O enunciado documentado na recolha de AVF será o mais antigo, pois regista as palavras *bragas* e *enrestas* (que passam a *barbas enxutas*).

Relativamente ao provérbio “De pequenino é que se torce o pepino”, Teixeira <sup>19</sup> diz ser uma expressão ilógica e incompreensível, uma vez que não se torce o pepino, explicando que seria o pé do pepino (da planta), conhecimento feito da experiência agrícola. Conclui que o provérbio funciona como estrutura independente no discurso, partilhado e validado pela comunidade. Assim, mesmo sem transparência semântica, o pressuposto de sabedoria tradicional dá-lhe prestígio sociocultural, o que permite a sua transmissão e sobrevivência. No *corpus* em estudo, o *pepino* surge substituído pelo *vime*, realidade mais conhecida na ilha da Madeira, onde este era muito utilizado no artesanato. A par com esta variante regional do provérbio, regista-se o enunciado proverbial equivalente “De pequeno é que se põe a canga no boizinho”, também com origem e motivação agrícola.

Seguem-se os provérbios com paralelismo e repetições de palavras ou oposições, como se pode ver na Tabela 2.

Provérbios	Variantes	Recolha
Quem <b>muito</b> quer, <b>pouco</b> tem. (5x)	Quem muito quer, nada tem. / Quem <b>muito</b> pretende, <b>pouco</b> alcança. / Quem <b>tudo</b> quer, <b>tudo</b> perde. / Quem muito quer saber, nada sabe.	S.d., S.l. / 7-10-1946, s.l.
<b>Tal</b> pai, <b>tal</b> filho. (4x)	Quem sai aos seus, não degenera. / Filho de peixe sabe nadar. / Pai <u>impertinente</u> , filho <u>desobediente</u> .	7-10-1946, s.l.
Quem bem <b>faz</b> , para si <b>faz</b> .	( <i>Faz-se <u>bem</u> não se olha a quem</i> ).	7-10-1946, s.l.
Mais vale cair em <b>graça</b> , do que ser <b>engraçado</b> .		7-10-1946, s.l.
Uma <b>graça</b> para ter <b>graça</b> , uma só vez basta.	( <i>Primeira tem <u>graça</u>, segunda <u>passa</u>, terceira <u>desgraça</u></i> ).	7-10-1946, s.l.
O que não tem <b>remédio</b> , <b>remediado</b> está.	( <i>Não vale a pena chorar sobre o leite derramado / <u>Águas passadas não movem moinhos</u></i> ).	7-10-1946, s.l.
<b>Muda-te</b> que te <b>mudarei</b> a sorte.		7-10-1946, s.l.
Quanto <b>mais</b> galinhas, tanto <b>menos</b> ovos.	( <i>Quanto <u>mais</u> galinhas <u>mais</u> ovos</i> ).	7-10-1946, s.l.
Mais vale burro <b>vivo</b> , do que cavalo <b>morto</b> .		7-10-1946, s.l.
Quem tem <b>caminho</b> bom, não procura <b>veredas</b> .		7-10-1946, s.l.
Quanto mais <b>de-pressa</b> , mais <b>de-vagar</b> . [sic]		7-10-1946, s.l.
O <b>fôgo</b> [sic] prova o ruim e a <b>desgraça</b> os homens fortes.		7-10-1946, s.l.
Tende um <b>lugar</b> para cada coisa e ponde cada coisa no seu <b>lugar</b> .		7-10-1946, s.l.
Em terra de <b>cegos</b> , quem tem um <b>ôlho</b> [sic] é rei.		7-10-1946, s.l.
O <b>ruído</b> não faz <b>bem</b> , nem o <b>bem</b> faz <b>ruído</b> .		7-10-1946, s.l.
<b>Longe</b> da vista, <b>longe</b> do coração.		7-10-1946, s.l.
Quem a <b>ferro</b> mata, a <b>ferro</b> morre.		7-10-1946, s.l.

Em casa de <b>pobre</b> , há menos frio do que na casa de <b>rico</b> .		7-10-1946, s.l.
Mais vale <b>pobre</b> , mas honrado, do que <b>rico</b> e ladrão.		7-10-1946, s.l.
Muito <b>poucos</b> , fazem <b>muitos</b> .		7-10-1946, s.l.
Abarcar <b>pouco</b> , para apertar <b>muito</b> .	<i>(Quem muito escolhe, pouco acerta).</i>	7-10-1946, s.l.
Mais vale o <b>geito</b> [sic] do que a <b>força</b> .		7-10-1946, s.l.
Quem <b>quere</b> vai, quem não <b>quere</b> [sic] manda.		7-10-1946, s.l.
O cantar faz <b>mêdo</b> ao <b>mêdo</b> [sic].	<i>(Quem canta seus males espanta).</i>	7-10-1946, s.l.
Quem tem não <b>quere</b> , quem <b>quere</b> [sic] não tem.		7-10-1946, s.l.
<b>Cré</b> com <b>cré</b> , <b>lé</b> com <b>lé</b> .		7-10-1946, s.l.
Deus <b>não seca</b> uma fonte que <b>não abra</b> outra.		7-10-1946, s.l.
Nunca diga o que <b>não</b> sabe, nem afirme o que <b>não</b> viu.		S.d., s.l.
Quem tem <b>sêde</b> [sic] vai beber, quem tem calor <b>vai</b> nadar.		7-10-1946, s.l.
<b>Muita</b> parra, <b>pouca</b> uva.		7-10-1946, s.l.
<b>Homem</b> sem barba é <b>homem</b> sem vergonha.		7-10-1946, s.l.
Um homem é um <b>homem</b> e um gato é um <b>bicho</b> .		7-10-1946, s.l.
Haja <b>bons</b> que <b>maus</b> não faltam! (diz-se ao receber um favor)		7-10-1946, s.l.
O <b>senhor</b> é a <b>imagem da vida</b> , como o <b>senhor</b> é a <b>imagem da morte</b> .		S.d., s.l. / S.d., São Roque do Funchal

Tabela 2: Provérbios com paralelismo e repetições de palavras e/ou oposições.

São 35 os provérbios que, em vez de rima, apresentam repetições de palavras e/ou oposições semânticas. No caso das variantes documentadas no *corpus*: “Quem muito quer, nada tem” / “Quem **muito** pretende, **pouco** alcança” / Quem **tudo** quer, **tudo** perde” / “Quem **muito** quer saber, **nada** sabe”, são frases similares ao enunciado proverbial “Quem **muito** quer, **pouco** tem”. “Quem bem **faz**, para si **faz**” corresponderá à variante (registada pela investigadora) “Faz-se **bem** não se olha a **quem**”, com rima. Quanto a “Uma **graça** para ter **graça**, uma só vez basta”, será equivalente a “Primeira tem **graça**, segunda **passa**, terceira **desgraça**” (variante documentada pela investigadora). “O que não tem **remédio**, **remediado** está” significará o mesmo que “Não vale a pena chorar sobre o leite derramado” e “Águas passadas não movem moinhos” (variantes incluídas pela investigadora). Para “Quanto **mais** galinhas, tanto **menos** ovos” existe a variante introduzida pela investigadora “Quanto **mais** galinhas **mais** ovos”, que diz o contrário. “Abarcar **pouco**, para apertar **muito**” corresponderá a “Quem **muito** escolhe, **pouco** acerta”, variante funcional acrescentada pela investigadora com valor opositivo. “O cantar faz **mêdo** ao **mêdo** [sic]” terá como variante “Quem **canta** seus males **espanta**”, com rima

(adição da investigadora). “**Quem tem não quer, quem quer [sic] não tem**” e “**O senhor é a imagem da vida, como o senhor é a imagem da morte**” apresentam simultaneamente repetições de palavras e oposições semânticas. O enunciado “Nunca diga o **que não** sabe, nem afirme o **que não** viu” foi considerado proverbial, tendo em conta a sua forma e significado, por se tratar de um conselho de natureza humana universal e tradicional ou anónimo. Apenas um enunciado apresenta características fonéticas que poderão ter origem onomatopaica, “**Cré com cré, lé com lé**”. Este foi incluído na tabela de provérbios com repetições de palavras, embora também tenha rima.

Seguem-se os provérbios com paralelismo ou justaposição, sem rimas, repetições e/ou oposições de palavras, sistematizados na tabela 3.

Provérbios	Variantes	Recolha
Mais vale cautela do que arrependimento. (3x)	Cautela e caldo de galinha não fazem mal a quem está doente. / Mais vale prevenir do que remediar.	7-10-1946, s.l. / S.d., s.l. / S.d., São Roque do Funchal
Em questões de gostos, cada qual tem o seu [os seus]. (3x)	Em questões de go/astos, cada qual tem o seu [os seus]. Cada um come do que quer [sic] e gosta. ( <i>Gostos não se discutem</i> ).	7-10-1946, s.l.
A fome é má conselheira. (2x)		S.d., São Roque do Funchal / 7-10-1946, s.l.
Manhas tomadas no bêrço [sic], só a cova as tira. (2x)	<b>Manhas</b> tomadas na <u>meninice</u> , <b>manhas</b> praticadas na velhice.	7-10-1946, s.l.
Tu não queres, outro me roga. (2x)	Um não quer [sic], outro me roga.	7-10-1946, s.l. / S.d., s.l.
Mais depressa se apanha um mentiroso que um côxe [sic]. (2x)	A <b>mentira</b> só vale enquanto a <b>verdade</b> não chega.	S.d., s.l. / 7-10-1946, s.l.
A bôca [sic] mata mais gente do que a guerra. (2x)	Pela boca é que morre o peixe.	7-10-1946, s.l.
Aquêle [sic] que come pouco, é médico de si mesmo. (2x)	Das grandes <u>ceias</u> estão as sepulturas cheias.	7-10-1946, s.l.
Para bom entendedor, meia palavra basta. (2x)	Poucas palavras, bons entendedores.	7-10-1946, s.l.
Quem mal cospe, a si cospe. (2x)	Quem para o ar escarra, cai-lhe na cara.	7-10-1946, s.l.
Devagar se vai ao longe. (2x)		7-10-1946, s.l. / S.d., s.l.
O sôno [sic] é meio sustento. (2x)		7-10-1946, s.l. / S.d., s.l.
Se crescer, vai dar grande. (2x)	<b>De pequeno</b> é que se vai a <b>grande</b> .	S.d., s.l. / 7-10-1946, s.l.
Depois de um comer, não faltam colheres.		7-10-1946, s.l.
O mundo é dos espertos.		7-10-1946, s.l.
Quando venta, molha-se a vela.		7-10-1946, s.l.
Quem cala, vence.		S.d., s.l.
Amigo e vinho, do antigo melhor.		7-10-1946, s.l.
O que não mata, engorda.		7-10-1946, s.l.
Só se ama o que se conhece.		7-10-1946, s.l.
De manhã é que começa o dia.		7-10-1946, s.l.
Em casa de ferreiro, espeto de pau.		7-10-1946, s.l.
O seguro já morreu de velho.	( <i>O seguro morreu de velho</i> ).	S.d., São Roque do Funchal
Saco vazio não fica de pé.		7-10-1946, s.l.

O saber não ocupa lugar.		7-10-1946, s.l.
A caridade começa por casa.	<i>(A caridade começa em casa).</i>	7-10-1946, s.l.
Casa roubada, trancas à porta.		7-10-1946, s.l.
Não há romaria sem cambado.		7-10-1946, s.l.
Patrão fora, dia santo na loja.		7-10-1946, s.l.
Quem tem bôca [sic] vai a Roma.		7-10-1946, s.l.
O poeta nasceu e o orador faz-se.		7-10-1946, s.l.
Casa de pais, escola de filhos.		7-10-1946, s.l.
Ódio vêlho [sic] não cansa.		7-10-1946, s.l.
Na forja é que se experimenta [experimentam] os metais.		7-10-1946, s.l.
Quem julga estar seguro, tome cuidado em não cair.	<i>(A cautela nunca é demais).</i>	7-10-1946, s.l.
Santo de casa não faz milagres.	<i>(Santos da casa não fazem milagres).</i>	7-10-1946, s.l.
Nem tudo o que luz é ouro.	<i>(As aparências enganam).</i>	7-10-1946, s.l.
Bons princípios, maus acabamentos. (e ao invés)		7-10-1946, s.l.
Em tempo de guerra, não se semeiam armas.	<i>(Não pôr lenha na fogueira / Pôr água na fervura).</i>	7-10-1946, s.l.
A quem feio ama, bonito lhe parece.	<i>(O amor é cego).</i>	7-10-1946, s.l.
Há males que vêm por bem (e vice-versa).	<i>(Deus escreve certo por linhas tortas).</i>	7-10-1946, s.l.
Quem sua filha casa, depenado fica.		7-10-1946, s.l.
O que nasce torto, tarde ou nunca se endireitará.	<i>(O que nasce torto tarde ou nunca se endireita).</i>	S.d., São Roque do Funchal
Os exemplos simplificam a lição.		7-10-1946, s.l.
Filhos que amargure [amarguram] os pais, jamais conte [contem] com ventura.		S.d., São Roque do Funchal
Não há vícios e manjar que não enfade [enfadem].		7-10-1946, s.l.
Não tem sorte quem nasceu às escuras.		7-10-1946, s.l.
Nem só com vinagre se apanham moscas.		7-10-1946, s.l.
Quem se faz mel, as mósas [sic] comem-no.	<i>(Quem muito se agacha, vê-se-lhe o rabo).</i>	7-10-1946, s.l.
Quem tem vergonha, não se casa.		7-10-1946, s.l.
O segredo é a alma do negócio.		S.d., São Roque do Funchal
Não é o hábito que faz o monge.		7-10-1946, s.l.
Quem fala no barco é que quere [sic] embarcar.	<i>(Quem desdenha quer comprar).</i>	7-10-1946, s.l.
De noite todos os gatos são pardos.		7-10-1946, s.l.
Dá Deus o frio, conforme a roupa.		7-10-1946, s.l.
O gigante conhece-se pelo dedo.		7-10-1946, s.l.
Navios no pôsto [sic], marinheiros em terra.		7-10-1946, s.l.
De promessas só vivem os santos dos altares.	<i>(De boas intenções está o inferno cheio).</i>	7-10-1946, s.l.
Ninguém é velho para aprender.		7-10-1946, s.l.
Por detrás da cruz, esconde-se o diabo.		7-10-1946, s.l.
O que é bom não vai para a bôca [sic] do asno.		7-10-1946, s.l.
Mais vale a morte do que a vergonha.		7-10-1946, s.l.
A preguiça já morreu à sêde [sic].		7-10-1946, s.l.

Mais vale deitar-se sem comer do que deitar-se com dívidas.		7-10-1946, s.l.
Se gostas de mel, não te deixes desanimar com as abelhas.		7-10-1946, s.l.
Embora o burro se esconda detrás da porta, ficam-lhe sempre as orelhas de fora.		7-10-1946, s.l.
A dôr [sic] obriga a chorar.		7-10-1946, s.l.
Quem tem muita manteiga, assa-a num espeto.		7-10-1946, s.l.
Só manduca quem fabrica.	<i>(Quem não trabuca, não manduca).</i>	7-10-1946, s.l.
Quem fala no diabo, êle [sic] lhe aparece.	<i>(Quem fala do diabo aparece-lhe o rabo).</i>	7-10-1946, s.l.
A higiene é a mãe da saúde.		7-10-1946, s.l.
Cada qual sabe as linhas com que se cose.		7-10-1946, s.l.
Se perderes tôdas [sic] as coisas, lembra-te de guardar a tua honra.		7-10-1946, s.l.
Aquêlê [sic] que começa pela mentira, acabará na força [sic].	Quem se alimenta de carne de papo, cêdo [sic] ou tarde perecerá.	7-10-1946, s.l.
A estupidez e orgulho vêm pelo mesmo <i>cho</i> [sic].		7-10-1946, s.l.
Quem na sexta-feira viu, no domingo há-de chorar.		7-10-1946, s.l.
Tudo o que é belo, é difícil.		7-10-1946, s.l.
Presunção e água benta, <i>tornam-nas</i> [sic] quem <i>quere</i> [sic].		7-10-1946, s.l.
Quem não sabe <i>encumolhar</i> [sic] deita as culpas ao baco.		7-10-1946, s.l.
Quem está por fora, cheira a tabaco.		7-10-1946, s.l.
Quem se fica, cardos lhe come.		7-10-1946, s.l.
Guarda-te do <b>homem</b> que não <i>fala</i> e do <b>cão</b> que não <i>ladra</i> .		7-10-1946, s.l.
Quando um burro fala, os outros agacham as orelhas.		7-10-1946, s.l.
Burro velho [sic] não aprende a lêtra [sic].	<i>(Burro velho não aprende línguas).</i>	7-10-1946, s.l.
Já morreu um burro, a pensar.		7-10-1946, s.l.
Mouco de burro, não chega ao céu.		7-10-1946, s.l.
Quando os porcos bailam, adivinham chuva.		7-10-1946, s.l.
Gaba-te cesto, que amanhã vais à vindima.		S.d., s.l.
Cabelo de gado não mata pastor.		7-10-1946, s.l.
Nem todo o mato faz palheiro.		7-10-1946, s.l.
Não há só uma Maria na terra.	<i>(Mulheres há muitas).</i>	7-10-1946, s.l.
Um homem pode tanto na sua casa, que até depois de môrto [sic] são dois, três ou quatro homens para tirá-lo de lá para fóra [sic].		7-10-1946, s.l.
Resolução de Príncipe, tem força de lei.		7-10-1946, s.l.
No mar anda, quem para nós ganha.		7-10-1946, s.l.

Tabela 3: Provérbios com paralelismo ou justaposição (sem rimas, repetições e/ou oposições lexicais).

Listam-se 95 provérbios sem rima e sem repetições e/ou oposições de palavras. Para “Só manduca quem fabrica”, existe a variante registrada pela investigadora “Quem não trabuca não manduca”. Quanto a “Em questões de gostos, cada qual tem o seu”, a pesquisadora adiciona a variante “Gostos não se discutem”. No que respeita a “De promessas só vivem os santos dos altares” averba “De boas intenções o inferno está cheio”. Em “A preguiça já morreu à sede [sic]”, parece faltar a segunda parte do enunciado “A preguiça morreu de sede na beira da levada”. O nome *levada* designa os canais de irrigação madeirenses, que conduzem a água das montanhas para os terrenos agrícolas e que eram usadas também para o abastecimento às casas, quando ainda não havia fontes públicas nem canalização de água potável.

Na coluna variantes, a investigadora regista enunciados proverbiais idênticos ou muito similares nas palavras, a nível fraseológico e de significado, como: “Quem fala do diabo, êle [sic] lhe aparece”, a par da frase não atestada na recolha de AVF “Quem fala no diabo aparece-lhe o rabo”, com rima. Para “O seguro já morreu de velho”, conhece-se a variante sem a partícula *já* “O seguro morreu de velho”. Em “A caridade começa por casa” ocorre a variante “A caridade começa em casa”. Em relação a “Santo de casa não faz milagres”, existe o enunciado no plural “Santos da casa não fazem milagres”. “O que nasce torto, tarde ou nunca se endireitará” tem como variante “O que nasce torto tarde ou nunca se endireita”.

Também se documentam variantes funcionais, ou seja, que correspondem a diferentes palavras e imagens, mas com significado semelhante, por exemplo: “Quem se faz mel, as mósicas [sic] comem-no” e “Quem muito se agacha vê-se-lhe o rabo”; “Quem julga estar seguro, tome cuidado em não cair” e “A cautela nunca é demais”; “Nem tudo o que luz é ouro” e “As aparências enganam”; “Não há só uma Maria na terra” e “Mulheres há muitas”; “Em tempo de guerra, não se semeiam armas” e “Não pôr lenha na fogueira” ou “Pôr água na fervura”; “A quem feio ama, bonito lhe parece” e “O amor é cego”; “Há males que vêm por bem (e vice-versa)” e “Deus escreve certo por linhas tortas”; “Quem fala no barco é que quer embarcar” e “Quem desdenha quer comprar”; “Quem está, está, quem vai, segue...” e “Quem foi ao mar perdeu o seu lugar”, com rima.

No caso do enunciado “Um homem pode tanto na sua casa, que até depois de môrto [sic] são dois, três ou quatro homens para tirá-lo de lá para fôra [sic]”, embora extenso, sem ritmo e outros recursos estilísticos, poderá ter na sua origem um antigo provérbio legal medieval, com a atual forma em Inglêss “A man’s home is his castle”<sup>20</sup>. Em “Quem não sabe *encumolhar* [sic] deita as culpas ao baco”, o vocábulo *encumolhar* é obscuro, podendo ser um arcaísmo ou uma forma do Português popular. Curiosamente, no mesmo enunciado, ocorre a referência culta a

*baco* por “vinho”, o que é contraditório. No caso de “Nunca diga o que não sabe, nem afirme o que não viu”, trata-se do verso de uma quadra popular, cantada na Madeira.

### Aspetos semânticos

A par dos marcadores estilísticos ou formais, o valor semântico dos provérbios é um dos traços de *proverbialidade*. Trata-se de frases genéricas sobre o ser humano de conhecimento ancestral e anónimo, incluindo o grau de maior conceptualização abstrata na sua transmissão, por oposição ao menor grau de outras expressões populares. Nos aspetos semânticos dos provérbios, destacam-se os enunciados resultantes de realidades das atividades tradicionais rurais, identificando os provérbios metafóricos de animais e os da área agrícola.

São 13 as ocorrências de provérbios metafóricos de animais, com paralelismo, com rima e sem rima, e mesmo sem paralelismo:

Descansa o **gato**, espreguiça o **rato**.

**Cão de caça**, procura-se-lhe a raça.

Só dói o coração, ao dono do **furão**.

Quando os **porcos** bailam, adivinham chuva.

Dez horas dorme o **pôreo** e mais o mórto [sic].

**Gato** e menino só *vem* [vêm] para quem lhes faz mimo.

O **rato** tantas vezes vai ao moinho, até que lá lhe fica o focinho!

Guarda-te do homem que não fala e do **cão** que não ladra.

Quando um **burro** fala, os outros agacham as orelhas.

**Burro** velho [sic] não aprende a lêtra [sic].

Já morreu um **burro**, a pensar.

Mouco de **burro**, não chega ao céu.

Embora o **burro** se esconda detrás da porta, ficam-lhe sempre as orelhas de fora.

Alguns são comparações, como “O **gato** e o **menino** só *vem* [vêm] para quem lhes faz mimo” e “**Guarda-te do homem** que não fala e do **cão** que não ladra”, que se opõe a “Cão que ladra não morde”. Em “O rato tantas vezes vai ao moinho, até que lá lhe fica o focinho”, há um processo cognitivo metafórico de transposição do que acontece ao rato para o ser humano. Será um provérbio equivalente a “O cântaro tantas vezes vai à fonte até que lá deixa a asa”. Quanto a “**Burro** velho [sic] não aprende a lêtra [sic]” (variante de “**Burro** velho não aprende línguas”) e a “Quando um **burro** fala, os outros agacham as orelhas”, trata-se de antropomorfizações do animal, tal como em “Embora o **burro** se esconda detrás da porta, ficam-lhe sempre as orelhas de fora”.

No que concerne aos provérbios da área semântica da agricultura, são seis os registados no *corpus* em estudo, não apresentando variantes na estrutura fraseológica:

Quem faz um cesto, faz um cento.

Muita **parra**, pouca **uva**.

Gaba-te **cesto**, que amanhã vais à **vindima**.

Cabelo de **gado** não mata **pastor**.

Nem todo o **mato** faz **palheiro**.

Se gostas de **mel**, não te deixes desanimar com as **abelhas**.

Na tabela 4, apresentam-se cinco expressões que não terão *viabilidade proverbial*, podendo ser sentenças, ditados ou máximas populares.

Expressões populares	Variantes	Recolha
Quem nunca aprendeu a ler, só sabe o que se passa no lugar onde estiver. (2x)	Quem teve a grande desgraça de não aprender a ler é como um pôrco [sic] imundo que só vê dois palmos de <u>chão</u> e, do que mais pelo mundo há, não sabe dar a <u>razão</u> .	S.d., São Roque do Funchal / 7-10-1946, s.l.
Um pó não conversa.		7-10-1946, s.l.
Quem compra de mim <u>panos</u> , veste <u>duas</u> vezes no <u>ano</u> .		7-10-1946, s.l.
Josézinho [sic] é môço [sic] de padre.		7-10-1946, s.l.
Vai cantando que vais beber.		S.d., s.l.

Tabela 4: Expressões populares que não serão provérbios

As frases excluídas, na tabela 4, não serão proverbiais, apresentando um menor grau de conceptualização ou abstração, sendo expressões básicas. Além disso, os provérbios são enunciados tradicionais, universais e anónimos, independentes e genéricos, adaptáveis a diferentes situações da natureza humana, o que não acontecerá nestes casos. A primeira expressão sobre o não saber ler, com uma variante que compara o ser humano a um porco criado num chiqueiro (realidade agropecuária), que não conhece nada do mundo porque “só sabe o que se passa no lugar onde estiver”, é desenvolvida em “que só vê dois palmos de chão e, do que mais pelo mundo há, não sabe dar a razão”, apresentando rima entre *chão* e *razão*. Esta será uma constatação e não um conselho universal sobre a natureza humana. “Quem compra de mim panos, veste duas vezes no ano”, apesar de ter uma possível rima, também não será um provérbio. Parece referir-se aos adelos que percorriam as zonas rurais para vender tecidos que as costureiras transformavam em roupa feita. Quanto a “Vai cantando que vais beber” e “Josézinho [sic] é môço [sic] de padre” serão igualmente constatações. “Um pó não conversa” é de difícil interpretação.

### Discussão dos resultados

Neste estudo quantitativo e qualitativo dos provérbios do acervo de AVF, no que respeita aos aspetos formais, predominam os enunciados com paralelismo ou justaposição, sem rimas,

repetições e/ou oposições lexicais (cf. Tabela 3), com 95 enunciados (46.1%). Seguem-se as expressões proverbiais com paralelismo e rima (cf. Tabela 1), com 69 elementos (33.4%). Em terceiro lugar, com 35 ocorrências (16.9%), encontram-se os provérbios com paralelismo e repetições de palavras e/ou oposições (cf. Tabela 2).

Villers <sup>21</sup>, sobre a análise estilística de um *corpus* de provérbios ingleses, indica os seguintes resultados: paralelismo-justaposição – 20%-15%; equilíbrio métrico – 19%; pares lexicais em oposição 23%; repetições – 49%; rimas lexicais, assonância e aliterações – 23%-18%-22%; sintaxe ou registo particular 7%. Comparando estes valores com os dos enunciados proverbiais da coleção de AVF, o paralelismo e/ou justaposição surge como o traço com o número mais expressivo deste estudo (46.1%), sendo menos recorrente no *corpus* em inglês. A rima está presente em 23% dos provérbios de Villers <sup>22</sup> e em 33.4% neste estudo. Quanto aos pares lexicais em oposição 23% e repetições 49%, correspondem às repetições de palavras e/ou oposições neste estudo, com 16.9% de ocorrências.

No que se refere ao estudo qualitativo, as expressões proverbiais da coleção de AVF não apresentam contexto, interpretação ou significado, no seu registo. Apenas, excecionalmente, indicam o seu contexto de uso, por exemplo: “Cerimónias acabadas, velas apagadas (diz-se, quando, na despedida de uma pessoa, se lhe oferece vinho)” e “Haja **bons** que **maus** não faltam! (diz-se ao receber um favor)”. Do ponto de vista semântico, destacaram-se os provérbios metafóricos de animais e referentes à agricultura. Rodrigues e Bazenga <sup>23</sup> dizem que desaparecendo as atividades tradicionais agrícolas perde-se a preservação da riqueza da cultura popular e os provérbios, devido ao domínio da cultura escrita sobre a tradicional ou oral. Os autores apresentam provérbios com ligação à agricultura regional e à *madeirensidade*, na sequência da publicação de “Provérbios e outros ditos populares” do Arquipélago da Madeira <sup>24</sup>. Daí a importância da recolha e coleção da herança linguístico-etnográfica e sociocultural dos provérbios madeirenses.

Quanto aos provérbios recorrentes no *corpus*, aparentemente os mais conhecidos e/ou usados na época e nos locais das recolhas, foram documentados 18 enunciados:

Quem **muito** quer, **pouco** tem. (5x)

Se queres conhecer o vilão, mete-lhe a vara na mão. (4x)

**Tal** pai, **tal** filho. (4x)

Casa onde não há pão, todos ralham e com razão. (3x)

Quem deseja mal ao seu vizinho, o seu vem-lhe pelo caminho. (3x)

Mais vale cautela do que arrependimento. (3x)

A fome é má conselheira. (2x)

O que atrasado vier, comerá do que houver. (2x)

De poeta e louco, todos têm um pouco. (2x)  
Manhas tomadas no bêrço [sic], só a cova as tira. (2x)  
Tu não queres, outro me roga. (2x)  
Mais depressa se apanha um mentiroso que um côxe [sic]. (2x)  
A bôca [sic] mata mais gente do que a guerra. (2x)  
Aquêlo [sic] que come pouco, é médico de si mesmo. (2x)  
Para bom entendedor, meia palavra basta. (2x)  
Quem mal cospe, a si cospe. (2x)  
Cada um come do que quere [sic] e gosta. (2x)  
Limocairo na horta é doutor à porta. (2x)

Estes vão dos mais frequentes, com cinco e quatro registos cada, a provérbios com três e duas atestações. Em alguns casos, são registadas formas populares como côxe, tal como foi dita/ouvida na recolha oral. Ao mesmo tempo, como a maior parte das recolhas está datada de 1964, a ortografia utilizada é anterior ao acordo ortográfico de 1975, usando a acentuação gráfica da época, nomeadamente para indicar as vogais fechadas nas penúltimas sílabas das palavras graves (que seguem a regra geral da acentuação do Português). Enquanto provérbios recorrentes, estes são também os que apresentam mais variantes, mantendo a sua estrutura, geralmente binária. No caso de “Se queres conhecer o vilão, mete-lhe a vara na mão” (com quatro ocorrências, três variantes), conhece-se também “Se queres conhecer o vilão, dá-lhe a chave da retrete”, sem rima. Para “Tal pai, tal filho” (quatro ocorrências, três variantes), existe o enunciado correspondente “Cada um sai aos seus”. Em “Casa onde não há pão, todos ralham e com razão” (com três ocorrências), a investigadora adicionou uma variante que termina dizendo o contrário (“e ninguém tem razão”).

Em relação ao provérbio “O que atrasado vier, comerá do que houver”, parece corresponder ao antigo provérbio legal medieval do latim que passou para várias línguas europeias, em Inglês com a forma atual “first come, first served”<sup>25</sup>. Como explica o autor, este tem a sua origem no mundo da agricultura e dos moleiros, nos moinhos de cereais, em que o primeiro a chegar era o primeiro a ser atendido. Funk<sup>26</sup> diz-nos que a vantagem dos provérbios consiste na sua divulgação generalizada, na linguagem acessível e de implementação local, daí ter uma funcionalidade muito importante que ainda hoje justifica a sua preservação, divulgação e aplicação.

Ainda não foi realizado nenhum estudo exaustivo e sistemático dos provérbios antigos em uso na Madeira, ao contrário do que já foi feito nos Açores por Funk. Apenas foram feitas algumas recolhas avulsas, antes do recente estudo denominado “Provérbios e outros ditos populares” madeirenses, com recolhas feitas no Porto Santo e em áreas rurais da ilha da Madeira, junto de

pessoas com mais de 60 anos, apresentando uma proposta classificativa por campos semânticos<sup>27</sup>. Através do método da comparação, procurou identificar os que fossem regionais, distinguindo-os através de vocábulos que indicam especificidades do arquipélago da Madeira, realidades socioculturais e linguísticas como a ocorrência dos nomes *vilão* e *palheiro*, de topónimos e gentílicos insulares.

No *corpus* em estudo, predominam os provérbios sem rima e sem repetições e/ou oposições de palavras, com 95 enunciados (cf. Tabela 3) e não os considerados prototípicos, com paralelismo, rimas, repetições e/ou oposições lexicais. Seria importante confrontar estes resultados com os de outras coleções de provérbios existentes na língua portuguesa, o que não coube no âmbito deste trabalho.

### **Conclusão**

As recolhas paremiológicas do acervo de AVF, feitas na ilha da Madeira, têm grande interesse e importância pelo facto de oferecerem dados datados de meados do século XX. A maior parte corresponde ao ano de 1946, embora muitos não apresentem datação nem localização. Os enunciados que indicam o local onde foram recolhidos correspondem sobretudo à localidade de S. Roque do Funchal. Trata-se de um património linguístico-etnográfico de expressões populares constituídas por provérbios descontextualizados. Alguns provavelmente já terão desaparecido da memória da maior parte da população, sendo recordados apenas pelos falantes mais velhos de zonas rurais mais isoladas.

Os provérbios são expressões populares curtas, contendo um conselho ou moral baseada num conhecimento ou verdade comum sobre a natureza humana e sendo frases independentes que podem ser entendidas mesmo quando as ouvimos pela primeira vez. No entanto, como partilham algumas características semelhantes do ponto de vista formal e semântico com as sentenças, máximas e ditados, nem sempre é fácil estabelecer a distinção entre estes enunciados populares. É a competência paremiológica ou conhecimento da memória sociocultural coletiva que permite identificar o significado dos provérbios, podendo ser um conhecimento ativo ou passivo.

A diferenciação entre provérbios e expressões populares sem *viabilidade proverbial* constituiu um desafio. Outro foi a classificação das frases proverbiais tendo em conta aspetos formais e semânticos. Do ponto de vista quantitativo, apenas cinco dos 206 enunciados da coleção de AVF não foram considerados provérbios. Predominam as frases com estrutura rítmica (ritmo binário) ou paralelismo, sem rimas, repetições e/ou oposições lexicais e semânticas. Deste modo, foram considerados 95 enunciados (46.1%) com paralelismo ou justaposição, sem rimas,

repetições e/ou oposições lexicais; 69 elementos (33.4%) com paralelismo e rima; e 35 ocorrências (16.9%) com paralelismo e repetições de palavras e/ou oposições. Dentro destes três grupos, existem 13 provérbios metafóricos de animais e seis referentes a atividades agrícolas tradicionais. O registo das variantes com correspondência idêntica de palavras, com a mesma fraseologia e imagem, e a correspondência funcional de provérbios com palavras e imagens diferentes, em enunciados que apresentam significados semelhantes, mostra como os provérbios podem sofrer alterações, sem deixarem de ser reconhecidos na sua transmissão. As expressões proverbiais da recolha de AVF não foram testadas junto da população madeirense, por isso não sabemos se ainda serão reconhecidas e/ou usadas na atualidade. No que se refere aos provérbios com referências agrícolas das comunidades rurais tradicionais, é necessário algum conhecimento do passado para a sua compreensão e para serem reconhecidos nomeadamente como metáforas, na atual sociedade urbana. O nosso próximo passo, além de comparar esta coleção de provérbios tradicionais com os recolhidos por Rodrigues <sup>28</sup>, será elaborar um questionário com exemplos de provérbios relacionados com a agropecuária para testá-los junto de não especialistas, solicitando situações ou contextos de uso destes quando reconhecidos, assim como os respetivos significados. Para cada um dos enunciados testados, pretende-se também questionar se conhecem variantes ou outras expressões proverbiais com significados semelhantes e opostos. Um dos objetivos será verificar até que ponto os provérbios com origem rural da agricultura tradicional são reconhecidos ainda hoje pela população rural e urbana do arquipélago da Madeira.

#### Notas

1. Este trabalho foi desenvolvido no âmbito das atividades do projeto UIDB/00214/2020.
2. In: Rodrigues, Mariana L. (2019). *Tratamento do acervo do Padre Alfredo Vieira de Freitas com enfoque nas recolhas populares, orais e tradicionais, madeirenses*.
3. In: Sevilla Muñoz, J. (1988). *Hacia una aproximación conceptual de las paremias francesas y españolas*.
4. In: Sevilla Muñoz, J. e Crida Álvarez, C. A. (2013). “Las paremias y su clasificación”, *Paremia*, 22.
5. In: Kleiber, G. (2000). “Sur le sens des proverbes”. In *Languages*, vol. 139. [https://www.persee.fr/doc/lgge\\_0458-726x\\_2000\\_num\\_34\\_139\\_2379](https://www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_2000_num_34_139_2379)
6. In: Kleiber, G. (2017). “La figure d’un proverbe n’est pas toujours celle d’une métaphore”, *Scolia. Revue de Linguistique*, 31. *Le Proverbe. Forme, sens, rythme*.
7. In: Villers, Damien (2017). “Marqueurs stylistiques: leur poids dans la définition et la genèse des proverbes”, *Scolia. Revue de Linguistique*, 31. *Le Proverbe. Forme, sens, rythme*.
8. In: Greimas, Algirdas J. (1970). *Du sens. Essais de sémiotiques*.
9. In: Anscombre, Jean-Claude (2000), “Parole proverbiale et structure métrique”, *Langages*, 139.
10. In: Villers, Damien (2017). “Marqueurs stylistiques: leur poids dans la définition et la genèse des proverbes”, *Scolia. Revue de Linguistique*, 31. *Le Proverbe. Forme, sens, rythme*.

11. In: Villers, Damien (2022). "What makes a good proverb? On the birth and propagation of proverbs", *Lexis* 19. <https://journals.openedition.org/lexis/6383>
12. In: Villers, Damien (2017). "Marqueurs stylistiques: leur poids dans la définition et la genèse des proverbes", *Scolia. Revue de Linguistique*, 31. *Le Proverbe. Forme, sens, rythme*.
13. In: Mieder, Wolfgang (2004). *Proverbs. A Handbook*. [https://www.academia.edu/31875861/Proverbs\\_A\\_Handbook](https://www.academia.edu/31875861/Proverbs_A_Handbook)
14. In: Villers, Damien (2017). "Marqueurs stylistiques: leur poids dans la définition et la genèse des proverbes", *Scolia. Revue de Linguistique*, 31. *Le Proverbe. Forme, sens, rythme*.
15. In: Mieder, Wolfgang (2005). *Proverbs are the Best Policy: Folk Wisdom and American Politics*.
16. In: Widback, Anders (2015). *Ordspråkibrük*, Uppsala: Universitet Uppsala.
17. In: Mieder, Wolfgang (2004). *Proverbs. A Handbook*. [https://www.academia.edu/31875861/Proverbs\\_A\\_Handbook](https://www.academia.edu/31875861/Proverbs_A_Handbook)
18. In: Teixeira, José (2017). "Mais importante que a verdade: o valor argumentativo dos provérbios", Soares, Rui e Lauhakangas, Outi (Org.), *10º Colóquio Interdisciplinar sobre Provérbios / 10th Interdisciplinary Colloquium on Proverbs. Actas ICP16 Proceedings*.
19. In: Teixeira, José (2017). "Mais importante que a verdade: o valor argumentativo dos provérbios", Soares, Rui e Lauhakangas, Outi (Org.), *10º Colóquio Interdisciplinar sobre Provérbios / 10th Interdisciplinary Colloquium on Proverbs. Actas ICP16 Proceedings*.
20. In: Mieder, Wolfgang (2004). *Proverbs. A Handbook*. [https://www.academia.edu/31875861/Proverbs\\_A\\_Handbook](https://www.academia.edu/31875861/Proverbs_A_Handbook)
21. In: Villers, Damien (2017). "Marqueurs stylistiques: leur poids dans la définition et la genèse des proverbes", *Scolia. Revue de Linguistique*, 31. *Le Proverbe. Forme, sens, rythme*.
22. In: Villers, Damien (2017). "Marqueurs stylistiques: leur poids dans la définition et la genèse des proverbes", *Scolia. Revue de Linguistique*, 31. *Le Proverbe. Forme, sens, rythme*.
23. In: Rodrigues, M. J. Freitas e Bazenga, Aline (2018). "Linguajares madeirenses: continuação do estudo sobre provérbios do arquipélago da Madeira", *12º Colóquio Interdisciplinar sobre Provérbios (ICP18)*.
24. In: Rodrigues, M. J. Freitas (2018). "Provérbios e outros ditos populares", *Aprender Madeira*. <https://aprendermadeira.net/article/proverbios-e-outros-ditos-populares>
25. In: Mieder, Wolfgang (2004). *Proverbs. A Handbook*. [https://www.academia.edu/31875861/Proverbs\\_A\\_Handbook](https://www.academia.edu/31875861/Proverbs_A_Handbook)
26. In: Funk, Gabriela (2011). "O provérbio: um género marginal(izado)?!", *Literatura culta e popular em Portugal e no Brasil – Homenagem a Arnaldo Saraiva. III – literaturas orais e marginais*.
27. In: Rodrigues, M. J. Freitas (2018). "Provérbios e outros ditos populares", *Aprender Madeira*. <https://aprendermadeira.net/article/proverbios-e-outros-ditos-populares>
28. In: Rodrigues, M. J. Freitas (2018). "Provérbios e outros ditos populares", *Aprender Madeira*. <https://aprendermadeira.net/article/proverbios-e-outros-ditos-populares>

## Referências

- ABM, ABM recebeu acervo do padre Alfredo Vieira de Freitas. Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira (ABM), 21 de outubro de 2016. Disponível em <https://abm.madeira.gov.pt/pe-alfredo-vieira-de-freitas/>
- ANSCOMBRE, Jean-Claude (2000). Parole proverbiale et structure métrique. In *Langages*, vol. 139, pp. 6-26.
- FUNK, Gabriela (2011). O provérbio: um género marginal(izado)?!, *Literatura culta e popular em Portugal e no Brasil – Homenagem a Arnaldo Saraiva. III – literaturas orais e marginais*. Porto: CITCEM, pp. 197-206. <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/12521.pdf>
- GREIMAS, Algirdas J. (1970). *Du sens. Essais de sémiotiques*. Paris: Du Seuil.
- KLEIBER, Georges (2000). Sur le sens des proverbes. In *Langages*, vol. 139, pp. 39-58. [https://www.persee.fr/doc/lgec\\_0458-726x\\_2000\\_num\\_34\\_139\\_2379](https://www.persee.fr/doc/lgec_0458-726x_2000_num_34_139_2379)

- KLEIBER, Georges (2017). La figure d'un proverbe n'est pas toujours celle d'une métaphore. In *Scolia. Revue de Linguistique*, 31. *Le Proverbe. Forme, sens, rythme*. Strasbourg: Presses Universitaires de Strasbourg, pp. 26-53.
- MIEDER, Wolfgang (2004). *Proverbs. A Handbook*. Westport/Connecticut/London: Greenwood Press. [https://www.academia.edu/31875861/Proverbs\\_A\\_Handbook](https://www.academia.edu/31875861/Proverbs_A_Handbook)
- MIEDER, Wolfgang (2005). *Proverbs are the Best Policy: Folk Wisdom and American Politics*, Logan UT: Utah State University Press.
- RODRIGUES, M. J. Freitas (2018). Provérbios e outros ditos populares. *Aprender Madeira*. <https://aprendermadeira.net/articulo/proverbios-e-outros-ditos-populares>
- RODRIGUES, M. J. Freitas; BAZENGA, Aline (2018). Linguajares madeirenses: continuação do estudo sobre provérbios do arquipélago da Madeira. *12º Colóquio Interdisciplinar sobre Provérbios (ICP18)*. Távira: AIP.
- RODRIGUES, Mariana L. (2019). *Tratamento do acervo do Padre Alfredo Vieira de Freitas com enfoque nas recolhidas populares, orais e tradicionais, madeirenses*. Relatório de Estágio de Mestrado, Mestrado em Linguística, Sociedades e Culturas, Universidade da Madeira. <https://digituma.uma.pt/handle/10400.13/2795>
- SEVILLA MUÑOZ, J. (1988). *Hacia una aproximación conceptual de las paremias francesas y españolas*. Madrid: Editorial Complutense.
- SEVILLA MUÑOZ, J. e CRIDA ÁLVAREZ, C. A. (2013). Las paremias y su clasificación. In *Paremia*, 22, pp. 105-114.
- TEIXEIRA, José (2017). Mais importante que a verdade: o valor argumentativo dos provérbios. In Soares, Rui e Lauhakangas, Outi (Org.), *10º Colóquio Interdisciplinar sobre Provérbios / 10th Interdisciplinary Colloquium on Proverbs. Actas ICP16 Proceedings*. Távira: Associação Internacional de Parameologia / International Association of Paramiology (AIP-IAP), pp. 550-560.
- VILLERS, Damien (2017). Marqueurs stylistiques: leur poids dans la définition et la genèse des proverbes. In *Scolia. Revue de Linguistique*, 31. *Le Proverbe. Forme, sens, rythme*. Strasbourg: Presses Universitaires de Strasbourg, pp. 54-70.
- VILLERS, Damien (2022). What makes a good proverb? On the birth and propagation of proverbs. In *Lexis* 19. <https://journals.openedition.org/lexis/6383>
- WIDBACK, Anders (2015). *Ordspråkibruk*. Uppsala: Universitet'Uppsala.

#### Curriculum Vitae

Naideia Nunes é licenciada em Línguas e Literaturas Modernas (Português/Francês) e mestre em Linguística Portuguesa pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. É doutorada em Linguística Românica pela Universidade da Madeira e pós-doutorada em Ciências da Linguagem e Linguística Aplicada pelo Instituto Universitário de Linguística Aplicada (IULA) da Universidade Pompeu Fabra de Barcelona (Espanha). É membro investigador do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL), na área da Dialectologia e Diacronia, e membro colaborador do Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais (CIERL) da Universidade da Madeira. Também é membro colaborador do Centro de Investigação, Desenvolvimento e Inovação em Turismo (CITUR), no polo da Universidade da Madeira. Publicou vários estudos e ensaios na área da Linguística, sobretudo direcionados para o conhecimento do léxico, participando em colóquios e revistas científicas nacionais e internacionais. Da sua bibliografia destacam-se os seguintes livros: *Antroponímia primitiva da Madeira (séculos XV e XVI) e Repertório onomástico histórico da Madeira*, em coautoria com Dieter Kremer, Coleção Patronymica Romanica, Tübingen, Niemeyer (1999); *Palavras Doces. Terminologia e tecnologia históricas e atuais da cultura açucareira: do Mediterrâneo ao Atlântico*, Governo Regional da Madeira, Secretaria Regional do Turismo e Cultura, Centro de Estudos de História do Atlântico (2003) e *Outras Palavras Doces. Glossário comparativo da*

*atual terminologia açucareira no Atlântico*, Governo Regional da Madeira, Secretaria Regional do Turismo e Cultura, Centro de Estudos de História do Atlântico (2010). As suas principais áreas de interesse e de investigação são: Léxico, Terminologia, Onomástica, Dialectologia, Linguística Sociocultural, História da Língua Portuguesa, Mobilidades e Cultura Tradicional.

Email: [naidean@staff.uma.pt](mailto:naidean@staff.uma.pt)



## POPULAR LANGUAGE AND PROVERBS COLLECTED IN MADEIRA BY ALFREDO VIEIRA DE FREITAS

Naidea NUNES NUNES, Universidade da Madeira, Funchal, *Portugal*

### Abstract

The linguistic and sociocultural interest of the estate of Fr. Alfredo Vieira de Freitas (AVF) is the result of having dedicated himself to popular Madeiran collections. He motivated his students to collect tales or legends, stories and popular quatrains, riddles, but also proverbs and other popular expressions. Handwritten collections are part of his collection, along with those made by him. This documentation was integrated into the Madeira Public Library and Archive (ABM) and the large quantity and diversity of manuscripts with popular AVF collections was inventoried and cataloged. Popular quatrains, folk tales and legends predominate. Also noteworthy are the traditional novels, riddles, popular expressions, forms of popular language, proverbs and collective nicknames that AVF never published. With this work, we intend to contribute to the study and dissemination of these popular, oral and traditional materials, valuing them by showing their linguistic and sociocultural interest, as a linguistic and ethnographic heritage.

**Key words:** Folk Language and Proverbs; Society and Culture; Linguistic Heritage; Ethnography; Wood; Alfredo Vieira de Freitas.

---

### Curriculum Vitæ

Naidea Nunes Nunes has a License degree in Modern Languages and Literature (Portuguese/French) and a Master's in Portuguese Linguistics from the Faculty of Arts of the University of Lisbon. She holds a PhD in Romance Linguistics from the University of Madeira and a post-doctorate in Language Sciences and Applied Linguistics from the University Institute of Applied Linguistics (IULA) of the Pompeu Fabra University in Barcelona (Spain). She is a research member of the Linguistics Center of the University of Lisbon (CLUL), in the Dialectology and Diachrony group, and one of the collaborators in the publication of the Linguistic-Ethnographic Atlas of Madeira and Porto Santo. She is a collaborator of CITUR - Center for Research, Development and Innovation in Tourism, in the research line Tourism, Culture, Society and Language. She is also a collaborator at the Research Center for Regional and Local Studies (CIERL) at the University of Madeira.

Email: [naidean@staff.uma.pt](mailto:naidean@staff.uma.pt)